

FOGO E FÚRIA

**DENTRO DA CASA BRANCA
DE DONALD TRUMP**



MICHAEL WOLFF

FOGO
E
FÚRIA

**DENTRO DA CASA BRANCA
DE DONALD TRUMP**

MICHAEL WOLFF

Dedicado a Victoria e Louise, mãe e filha.

ÍNDICE

Nota do Autor	9
Prólogo: Ailes e Bannon.....	13
1. Dia das Eleições.....	23
2. Trump Tower.....	35
3. Primeiro Dia	59
4. Bannon	73
5. Jarvanka	89
6. Por Casa	107
7. Rússia	119
8. Organigrama	135
9. CPAC.....	155
10. Goldman.....	169
11. Sob Escuta	179
12. Repúdio e Substituição	191
13. Os Antagonistas de Bannon.....	205
14. Gabinete de Crise	217
15. A Comunicação Social.....	231
16. Comey	249

17. Aquém e Além-Fronteiras	263
18. Bannon Redux.....	277
19. Mika Quem?.....	291
20. McMaster e Scaramucci	309
21. Bannon e Scaramucci.....	321
22. General Kelly	335
Epílogo: Bannon e Trump	351
Agradecimentos	361

NOTA DO AUTOR

O que me levou a escrever este livro não podia ser mais óbvio. Com a tomada de posse de Donald Trump, a 20 de janeiro de 2017, os Estados Unidos entraram no centro da mais extraordinária tempestade política desde, pelo menos, o Watergate. Conforme o dia se aproximava, dispus-me a contar esta história da forma mais contemporânea possível, procurando olhar a vida na Casa Branca de Trump pelos olhos dos que lhe estavam mais próximos.

O livro foi originalmente concebido como um relato dos primeiros cem dias da administração Trump, esse grande marco, por tradição, de qualquer presidência. Mas os acontecimentos precipitaram-se sem qualquer pausa natural ao longo de mais de duzentos dias, tendo o pano descido sobre o primeiro ato da presidência de Trump apenas aquando da nomeação do general na reforma John Kelly como chefe de gabinete, em fins de julho, e a saída do chefe de estratégia Stephen K. Bannon, três semanas depois.

Os acontecimentos descritos nestas páginas baseiam-se em conversas que tiveram lugar ao longo de um período de 18 meses com o presidente, com a maioria dos membros do seu círculo próximo – alguns dos quais falaram comigo dezenas de vezes – e com muitos outros com quem aqueles, por seu turno, falaram. A primeira entrevista ocorreu bastante antes de eu poder sequer imaginar o que é uma Casa Branca Trump, e muito menos escrever um livro sobre ela, em finais de maio de 2016, na residência de Trump em Beverly Hills – enquanto o então candidato despachava uma embalagem de meio litro de gelado Häagen-Dazs de baunilha, ao mesmo tempo que opinava em tom descontraído e contente consigo mesmo sobre

uma série de temas e os seus assistentes, Hope Hicks, Corey Lewandowski e Jared Kushner, entravam e saíam da sala. As conversas com membros da equipa de campanha prosseguiram ao longo da Convenção Republicana de Cleveland, quando era pouco menos que inconcebível imaginar a eleição de Trump. Mudaram-se para a Trump Tower com o volúvel Steve Bannon – antes da eleição, quando parecia ainda pouco mais que uma fonte excêntrica de entretenimento, e mais tarde, após a eleição, quando era já considerado um milagreiro.

Pouco depois de 20 de janeiro, ocupei algo parecido com um assento permanente num sofá da Ala Oeste. Desde então, realizei mais de duzentas entrevistas.

Se é verdade que a administração Trump praticamente adotou como política uma hostilidade aberta para com a imprensa, revelou-se ao mesmo passo mais aberta aos meios de comunicação social do que qualquer outra Casa Branca dos últimos tempos. No início, procurei obter um nível de acesso formal a esta Casa Branca, algo parecido com um estatuto de mosquinha-na-parede. O próprio presidente encorajou esta ideia. Porém, dados os muitos feudos existentes na Casa Branca de Trump, que entraram em conflito entre si desde os primeiros dias da administração, não parecia haver ninguém capaz de mo proporcionar. Também não havia, pelo contrário, ninguém que me dissesse «Vá-se embora». Por esse motivo, tornei-me mais um intruso permanente do que um hóspede convidado – algo parecido com uma verdadeira mosca na parede – sem que tenha aceitado quaisquer regras nem feito quaisquer promessas acerca do que poderia, ou não, escrever.

Muitos dos relatos do que ocorreu na Casa Branca de Trump são mutuamente conflitantes; muitos, à boa maneira de Trump, são descaradamente falsos. Esses conflitos, bem como esse laxismo relativamente à verdade, quando não à própria realidade, constituem um fio condutor do livro. Por vezes, permiti aos protagonistas apresentarem as suas versões, facultando por seu turno ao leitor a possibilidade de ajuizar sobre elas. Noutros casos, devido à consistência dos relatos e à confiança que deposito nas fontes, assentei numa versão de acontecimentos que acredito ser a verdadeira.

Algumas das minhas fontes falaram comigo no chamado registo *deep background*, uma convenção das obras de política contemporânea que

permite uma descrição incorpórea dos acontecimentos por parte de uma testemunha anónima dos mesmos. Recorri igualmente a entrevistas em registo confidencial nas quais se permite a determinada fonte fornecer uma citação direta, no pressuposto de não ser identificada. Outras fontes, ainda, falaram comigo no pressuposto de que o material das entrevistas não seria tornado público até à publicação do livro. Finalmente, outras falaram sem rodeios e sem exigirem confidencialidade.

Ao mesmo tempo, vale a pena realçar alguns dos enigmas jornalísticos com que me vi confrontado ao lidar com a administração Trump, muitos dos quais resultantes da ausência na Casa Branca de procedimentos oficiais e da falta de experiência dos seus dirigentes. Alguns destes desafios: lidar com material em registo confidencial ou *deep background* mais tarde informalmente passado a um registo não confidencial; fontes que forneciam relatos numa base confidencial e de seguida os partilhavam amplamente, como se se sentissem livres após as suas primeiras declarações; frequente falta de atenção no estabelecimento de quaisquer parâmetros relativamente à utilização de determinada conversa; pontos de vista de determinada fonte tão bem conhecidos e amplamente partilhados que seria risível não a divulgar; e partilha quase *samizdat*, ou repetição chocante de conversas que de outra forma seriam consideradas privadas ou de registo *deep background*. E omnipresente nesta história está a própria voz do presidente, constante, infatigável, incontrolável, tanto em registo público como privado, partilhada por outros todos os dias, por vezes praticamente no próprio momento em que a fazia ouvir.

Por qualquer razão, quase todos aqueles que contactei, fossem funcionários de topo da Casa Branca ou meros observadores dedicados, partilharam comigo muito do seu tempo e envidaram grandes esforços para me ajudar a lançar alguma luz sobre a natureza única da vida da Casa Branca de Trump. No final, o que testemunhei, e aquilo que este livro versa, foi um grupo de pessoas que se esforçaram penosamente, cada uma à sua maneira, para conseguir entender o significado de trabalhar para Donald Trump. Tenho para com todas elas uma enorme dívida.

PRÓLOGO: AILES E BANNON

O serão começou às seis e meia, mas Steve Bannon, subitamente um dos homens mais poderosos do mundo e cada vez menos preocupado com a pontualidade, estava atrasado.

Bannon prometera estar presente neste pequeno jantar combinado por amigos comuns numa moradia de Greenwich Village para ver Roger Ailes, ex-presidente da Fox News, a mais importante figura dos *media* de extrema-direita, em tempos mentor de Bannon. No dia seguinte, 4 de janeiro de 2017 – pouco mais de duas semanas antes da tomada de posse do seu amigo Donald Trump como quadragésimo quinto presidente – Ailes estaria a caminho de Palm Beach, numa saída de cena forçada, mas que esperava ser temporária.

Havia ameaças de neve e durante algum tempo a realização do jantar foi posta em causa. Ailes, de 66 anos, com um longo historial de problemas nas pernas e nas ancas, caminhava com dificuldade e, ao chegar a Manhattan, acompanhado da mulher, Beth, vindos da sua residência no norte do estado, com vista para o Hudson, tinha o maior receio de ruas escorregadias. Estava, no entanto, cheio de vontade de se encontrar com Bannon. A assistente deste, Alexandra Preate, enviava constantemente mensagens com atualizações do progresso de Bannon a sair da Trump Tower.

Enquanto o pequeno grupo aguardava por Bannon, o serão estava por conta de Ailes. Tão siderado pela vitória do seu velho amigo Donald Trump como quase toda a gente, brindou o grupo com uma espécie de pequeno seminário sobre o carácter aleatório e absurdo da política. Antes de lançar a Fox News em 1996, fora, ao longo de trinta anos, um dos

principais operacionais políticos do Partido Republicano. Por mais surpreendido que estivesse com o resultado desta eleição, não deixava de conseguir divisar uma linha reta entre Nixon e Trump. Só não tinha a certeza, disse, que o próprio Trump, em diversas ocasiões, republicano, independente e democrata, confirmasse a sua tese. Ainda assim, porém, conhecia Trump melhor que ninguém e tinha a maior vontade de se oferecer para ajudar. Ansiava igualmente por regressar ao jogo de *media* da extrema-direita, e descreveu vigorosamente algumas das formas possíveis de reunir os cerca de mil milhões de dólares de que necessitaria para pôr de pé uma nova estação de televisão por cabo.

Ailes e Bannon consideravam-se estudiosos da História, ambos autodatas dados a teorias unificadoras. Encaravam a questão em sentido carismático – mantinham um relacionamento pessoal com a História, e também com Donald Trump.

Ailes, embora com alguma relutância, tinha a noção de que, pelo menos de momento, estava a passar a Bannon a tocha da extrema-direita. O brilho intenso dessa tocha era perpassado de ironias. A Fox News de Ailes, com os seus 1,5 mil milhões de dólares de lucros anuais, dominara a política republicana ao longo de duas décadas. Mas agora a Breitbart News de Bannon, com apenas 1,5 milhões de dólares de lucros anuais, reclamava esse papel. Ao longo de trinta anos, Ailes – até há pouco o indivíduo mais poderoso do sector político conservador – tolerara e contemporizara com Donald Trump, mas, no final, Bannon e Breitbart é que o haviam elegido.

Seis meses antes, quando uma vitória de Trump parecia ainda fora do domínio do possível, Ailes, acusado de assédio sexual, fora despedido da Fox News numa jogada arquitetada pelos filhos *liberais* de Rupert Murdoch, o conservador de 85 anos acionista maioritário da Fox News e o mais poderoso proprietário de *media* da época. A queda de Ailes fora motivo de grande celebração no campo esquerdistas: o maior bicho-papão conservador da política moderna fora derrubado pela nova norma social. Após o que Trump, nem três meses depois, acusado de um comportamento imensamente mais devasso e abusador, fora eleito presidente.

Ailes gostava de muitas facetas de Trump: o vendedor, o homem do espetáculo, o coscuvilheiro. Admirava o seu sexto sentido para o mercado da opinião pública – ou, pelo menos, as suas tentativas incessantes e infatigáveis para o conquistar. Agradava-lhe o *modus operandi* de Trump, o impacto que exercia e o seu despudor. «Ele não para», observara Ailes, encantado, junto de um amigo, após o primeiro debate com Hillary Clinton. «Dão-lhe uma marretada na cabeça, e ele não para. Nem se apercebe de que lhe bateram.»

Ailes, no entanto, estava convencido de que Trump, politicamente falando, não tinha convicções nem espinha dorsal. O facto de se ter tornado o avatar por excelência do homem-da-rua zangado da Fox era mais um sinal de que vivíamos num mundo de pernas para o ar. Alguém iria ser motivo de troça – e Ailes não descartava que pudesse ser ele.

Ainda assim, há décadas que observava políticos e, ao longo da sua longa carreira, testemunhara virtualmente todos os tipos, estilos, excêntridades e fabricações, ânsias e manias. Operacionais como ele próprio – e agora, também como Bannon – trabalhavam com todo o tipo de políticos. Era a relação simbiótica e codependente por excelência. Os políticos eram os homens da frente num complexo esforço organizacional. Os operacionais conheciam o jogo, tal como a maioria dos candidatos e titulares de cargos. Mas Ailes estava razoavelmente convencido de não ser esse o caso de Trump. Este era indisciplinado – não tinha a menor capacidade de planear o seu jogo. Não podia fazer parte de organização alguma, nem era provável que subscrevesse qualquer programa ou princípios. Na perspetiva de Ailes, era «um rebelde sem causa». Era simplesmente o «Donald» – como se nada mais fosse necessário acrescentar.

No início de agosto, menos de um mês após Ailes ter sido despedido da Fox News, Trump pediu ao seu velho amigo que assumisse o comando da sua calamitosa campanha. Ailes, conhecedor da propensão de Trump para não aceitar conselhos, nem sequer escutá-los, declinou o convite. E uma semana depois, o lugar era de Bannon.

Após a vitória de Trump, Ailes pareceu sentir simultaneamente arrependimento por não ter aproveitado a oportunidade de dirigir a campanha do amigo, por um lado, e incredulidade por a oferta de Trump se ter revelado, afinal, a sua grande oportunidade. Compreendeu então que a subida ao poder de Trump refletia o triunfo improvável de muitas das

coisas que ele próprio e a Fox News representavam. Afinal, Ailes era porventura o grande responsável por libertar as torrentes de indignação do homem-da-rua responsáveis pela vitória de Trump: ele inventara os *media* de extrema-direita que se deleitavam com a personalidade de Trump.

Ailes, que fazia parte do círculo íntimo de amigos e conselheiros a quem Trump frequentemente telefonava, deu por si esperançado em passar mais tempo com o novo presidente a partir do momento em que ele e Beth se mudassem para Palm Beach; sabia que Trump planeava deslocar-se regularmente a Mar-a-Lago, situado na mesma rua da nova casa dos Ailes. Não obstante, apesar de ter a perfeita noção de que, na política, a vitória tudo muda – o vencedor é o vencedor – não conseguia ainda convencer-se do improvável e bizarro facto de o seu amigo Donald Trump ser agora o presidente dos Estados Unidos.

* * *

Às nove e meia da noite, com três horas de atraso, ia o jantar bem mais do que a meio, Bannon chegou finalmente. Envergando um *blazer* desalinhado, com as suas duas camisas habituais e calças militares, Bannon, de 63 anos, excesso de peso e barba por fazer, juntou-se aos outros convivas à mesa e assumiu de imediato o controlo da conversa. Afastando de si um copo de vinho que lhe fora oferecido – «Não bebo» – mergulhou numa dissertação calorosa, despejando noções sobre o mundo do qual se preparava para assumir o comando.

– Vamos agir sem mais demoras, de modo a que todos os membros da administração tenham as suas audiências de confirmação ao longo dos próximos sete dias – disse ele referindo-se aos escolhidos para o executivo, selecionados ao estilo empresários-e-militares-anos-cinquenta. – O Tillerson são dois dias, o Session dois dias, o Mattis dois dias...

Bannon divagou desde «Mad Dog» Mattis – o general de quatro estrelas na reforma que Trump nomeara Secretário da Defesa – incluindo uma longa dissertação sobre tortura, o surpreendente esquerdismo dos generais, e a estupidez da burocracia civil-militar. Lançou-se então à iminente nomeação de Michael Flynn – o general, favorito de Trump, que fizera a abertura de muitos dos comícios – como Conselheiro de Segurança Nacional.

– Ele serve. Não é o Jim Mattis, não é o John Kelly... mas serve. Só precisa das pessoas certas à sua volta. – No entanto, acrescentou: – Quando pegamos em todos os tipos Trump-nunca que assinaram aqueles abaixo-assinados todos e em todos os *neoccons* que nos meteram nestas guerras todas... não há muito por onde escolher.

Explicou que tentara impor John Bolton, o diplomata famoso pelas suas característica de «falcão», para o cargo de Conselheiro de Segurança Nacional. Era igualmente um favorito de Ailes.

– É um lança-bombas – disse este. – E um cabrãozinho esquisito. Mas precisamos dele. Quem mais é bom em questões de Israel? O Flynn é um bocado louco em relação ao Irão. O Tillerson – o secretário de estado indigitado – só percebe de petróleo.

– O bigode do Bolton é um problema – acrescentou Bennon entre dentes. – O Trump não acha que ele tenha um ar adequado ao papel. Mas do Bolton aprende-se a gostar.

– Pois, meteu-se em sarilhos porque andou uma noite à pancada num hotel e perseguiu uma mulher.

– Se eu dissesse isso ao Trump, ele era capaz de ficar com o lugar.

* * *

Bannon, curiosamente, fora capaz de abraçar a causa de Trump ao mesmo tempo que sugeria não o levar totalmente a sério. Encontrara-se pela primeira vez com o candidato presidencial intermitente, agora-de-novo, agora-já-não, em 2010; numa reunião na Trump Tower, Bannon propusera a Trump gastar meio milhão de dólares a apoiar candidatos de tipo Tea Party como forma de ampliar as suas ambições presidenciais. Saíra da reunião pensando para consigo próprio que Trump nunca desembolsaria esse tipo de maquia. Não era simplesmente um *player* que se pudesse levar a sério. Entre esse primeiro encontro e meados de agosto de 2016, quando assumiu o comando da campanha Trump, Bannon, com a exceção de umas quantas entrevistas para o seu programa de rádio no Breitbart, estimava não ter passado mais de dez minutos a conversar a sós com o candidato.

Agora, porém, o momento *zeitgeist* de Bannon chegara. Havia por todo o lado uma súbita sensação de descrença. O Brexit no Reino Unido, as

vagas de emigrantes a chegar às costas da Europa, a noção da perda de direitos dos trabalhadores, o espectro de mais desastres financeiros, Bernie Sanders e o seu revanchismo esquerdista – respirava-se revolta por todo o lado. Até os mais devotos expoentes do globalismo se mostravam hesitantes. Bannon acreditava que um enorme número de pessoas se encontrava subitamente recetivo a uma nova mensagem: o mundo necessita de fronteiras – ou, em alternativa, o mundo deveria regressar ao tempo em que tinha fronteiras. Um tempo em que a América era grande. Trump transformara-se na plataforma de propagação dessa mensagem.

Nesse serão de janeiro, Bannon estava imerso no mundo de Donald Trump há já cinco meses. E muito embora tivesse acumulado um catálogo apreciável de peculiaridades de Trump, causa mais que suficiente de alarme relativamente à imprevisibilidade do seu chefe e dos seus pontos de vista, isso não diminuía a extraordinariamente carismática sedução que o candidato exercia sobre a extrema-direita, o Tea Party, a base de apoio na Internet – e agora, após a vitória, a oportunidade que ele oferecia a Steve Bannon.

– Será que *ele* percebe? – perguntou Ailes de repente, fazendo uma pausa e olhando fixamente Bannon.

Referia-se a Trump. Esta parecia ser uma questão sobre a agenda da extrema-direita: será que o *playboy* bilionário percebia verdadeiramente a causa populista dos trabalhadores? Mas era também, porventura, uma pergunta à queima-roupa sobre a natureza do próprio poder. Compreenderia Trump o lugar que a História lhe atribuíra?

– Ele percebe – disse, após hesitar talvez um pouco demais, após beber um gole de água. – Ou percebe aquilo que percebe.

De soslaio, Ailes continuou a fitá-lo, como que à espera que Bannon revelasse um pouco mais o jogo.

– A sério – prosseguiu Bannon. – Ele está a seguir o programa. O programa dele. – Desviando o rumo da conversa do próprio Trump, concentrou-se na agenda do presidente. – Logo no primeiro dia, vamos mudar a embaixada dos EUA para Jerusalém. O Netanyahu está totalmente a favor. O Sheldon – Sheldon Adelson, o bilionário dos casinos, defensor de extrema-direita de Israel, e apoiante de Trump – está totalmente a favor. Sabemos para onde estamos a ir, com tudo isto.

– E o Donald, sabe? – inquiriu Ailes com ceticismo.

Bannon sorriu, quase piscando o olho, e prosseguiu:

– A Jordânia que fique com a Cisjordânia, o Egito que fique com Gaza. Eles que tratem disso. Ou então, que se afundem a tentar. Os sauditas estão no limite, os egípcios estão no limite, na Pérsia estão todos assustados de morte ... Iémen, Sinai, Líbia... A coisa está feia... É por isso que a Rússia é tão fundamental... Será a Rússia assim tão má? São os maus da fita. Mas o mundo está cheio de maus da fita.

Bannon avançava todas estas teses com efervescência – um homem que está a reconstruir o mundo.

– Mas é bom saber que os maus da fita são os maus da fita – disse Ailes, pressionando Bannon. – O Donald pode não saber.

O verdadeiro inimigo, disse Bannon, acutilante, assegurando-se de que não defendia demasiado o seu homem, ou até o criticava, era a China. A China era a primeira frente de uma nova guerra fria. Fora tudo mal compreendido na época de Obama – o que pensávamos compreender, não compreendíamos de todo. Esse fora o grande fracasso dos serviços de informação americanos.

– O Comey, quanto a mim, é um gajo de terceira. E o Brennan um gajo de segunda – disse Bannon, desvalorizando o diretor do FBI e o diretor da CIA.

– A Casa Branca, atualmente, parece a Casa Branca do Johnson em 1968. A Susan Rice – Conselheira de Segurança Nacional de Obama – dirige a campanha contra o ISIS, na qualidade de Conselheira de Segurança Nacional. Eles escolhem os alvos, ela escolhe os ataques dos *drones*. Quero eu dizer com isto, eles estão a gerir a guerra com a mesma eficácia que o Johnson em 68. O Pentágono está completamente desligado da coisa toda. Os serviços de informações estão totalmente desligados de tudo. Os *media* pouparam o Obama. Esqueçam a ideologia, isto é a hora dos amadores. Não sei o que faz o Obama. Ninguém em Capitol Hill o conhece, os gajos dos negócios não o conhecem. O que é que ele conseguiu, o que é que ele faz?

– Qual é o papel do Donald nisto? – inquiriu Ailes, agora sugerindo claramente que Bannon estava vários passos à frente do seu benfeitor.

– Está totalmente a bordo.

– Concentrado?

– Alinha na ideia.

– Eu não daria ao Donald muito em que pensar – observou Ailes, com ar divertido.

– A mais, a menos... Não altera necessariamente as coisas – respondeu Bannon com displicência.

* * *

– Em que é que ele se meteu com os russos? – insistiu Ailes.

– No essencial – respondeu Bannon –, foi até à Rússia e achou que se ia encontrar com o Putin. Mas o Putin estava-se a cagar para ele. Por isso ele tem continuado a tentar.

– É o Donald – observou Ailes.

– É uma coisa magnífica – disse Bannon, que passara a encarar Trump como algo de parecido com uma maravilha da natureza, impermeável a qualquer explicação.

Mais uma vez, como se pusesse de parte a questão de Trump – uma mera e peculiar presença em relação à qual se deve estar agradecido e à qual se tem de obedecer – Bannon, no papel que concebera para si próprio, o autor da presidência Trump, seguiu em frente:

– A China é tudo. Tudo o mais não interessa. Se não percebemos a China, não percebemos coisa nenhuma. Isto tudo é muito simples. A China está onde estava a Alemanha Nazi entre 1929 e 1930. Os chineses, tal como os alemães, são o povo mais racional do mundo, até deixarem de o ser. E vão virar como virou a Alemanha nos anos 30. Vamos ter um estado hipernacionalista, e a partir do momento em que isso aconteça, vai ser impossível enfiar de novo o génio na lamparina.

– O Donald pode não ser o Nixon na China – disse Ailes, de rosto impassível, sugerindo que a possibilidade de Trump passar por uma transformação global era algo que desafiava a imaginação.

– Bannon na China – sorriu Bannon, num tom ao mesmo tempo notavelmente grandioso e ironicamente depreciativo.

– Como é que está o miúdo? – perguntou Ailes, referindo-se ao genro de Trump, com 36 anos e seu grande conselheiro político, Jared Kushner.

– É meu parceiro – respondeu Bannon, em tom que sugeria que, ainda que sentisse o contrário, estava determinado em permanecer em sintonia.

– A sério? – insistiu Ailes, em tom de dúvida.

– Faz parte da equipa.

– Tem-se fartado de almoçar com o Rupert.

– Por falar nisso – respondeu Bannon –, dava-me jeito uma ajuda aqui. – Despendeu então vários minutos a tentar recrutar Ailes para o ajudar a amansar Murdoch. Ailes, desde o seu despedimento da Fox, só aumentara o seu azedume em relação ao ex-patrão. Atualmente, Murdoch pressionava frequentemente, em diversas intervenções públicas, o presidente eleito, encorajando-o a caminhar no sentido de uma moderação para com o *establishment* – numa estranha inversão das correntes cada vez mais estranhas do conservadorismo americano. Bannon pretendia que Ailes sugerisse a Trump, cujas muitas neuroses incluíam o horror à perda de memória e a senilidade, que Murdoch poderia estar a perder as suas faculdades mentais.

– Eu ligo-lhe – aquiesceu Ailes. – Mas o Trump faz tudo pelo Rupert. Assim como pelo Putin. Põe-se de cócoras com eles. Só me preocupa é saber quem está a lixar quem.

O mago dos *media* de extrema-direita, mais velho, e o jovem (embora não muito mais) continuaram a discutir até à meia-noite e meia, para satisfação dos outros convidados. O mais velho tentava desvendar o enigma nacional que era Trump – muito embora, na verdade, Ailes afirmasse que o comportamento do presidente eleito era sempre previsível –, enquanto o mais novo parecia determinado a não desperdiçar o seu próprio momento de destino.

– O Donald Trump percebeu. Pode ser o Trump, mas percebeu. Trump é Trump – declarou Bannon.

– Sim, ele é Trump – concordou Ailes, com laivos de incredulidade.

1

DIA DAS ELEIÇÕES

Na tarde de 8 de novembro de 2016, Kellyanne Conway – diretora de campanha de Donald Trump e personagem central, ou, mais apropriadamente, estrela do Mundo Trump – instalou-se no seu escritório de fachada de vidro na Trump Tower. Até às últimas semanas da corrida, o quartel-general da campanha Trump fora um local incharacterístico. Tudo o que parecia distingui-lo de um *backoffice* empresarial eram alguns cartazes com *slogans* de extrema-direita.

O estado de espírito de Conway era agora notavelmente bem-disposto, considerando que se preparava para experimentar uma derrota retumbante, se não mesmo cataclísmica. Donald Trump iria perder a eleição – disso estava absolutamente certa –, mas a diferença situar-se-ia possivelmente abaixo dos 6 pontos. E isso representaria uma vitória substancial. Quanto à derrota iminente propriamente dita, minimizava o seu impacto: era culpa de Reince Priebus e não sua.

Dedicara uma boa parte do dia a telefonar a amigos e aliados políticos, com o intuito de lançar as culpas sobre Priebus. Agora, passava informações a alguns dos produtores e pivôs de televisão com quem construía relacionamentos fortes – e junto dos quais, depois de com eles trocar ativamente informações ao longo das últimas semanas, se preparava para conseguir um lugar permanente no-ar após as eleições. Cortejara cuidadosamente muitos deles desde que se juntara à campanha Trump em meados de agosto e se transformara na voz fiável e combativa da campanha. E também, com os seus sorrisos espasmódicos e a estranha combinação de vulnerabilidade e imperturbabilidade, no seu rosto peculiarmente telegénico.

Para além dos outros horríveis erros na campanha, o problema real, nas suas palavras, era o demónio que não conseguia controlar: o Comité Nacional Republicano, dirigido por Priebus, pela sua braço-direito, Katie Walsh, de 32 anos, e pelo seu diretor de comunicação, Sean Spicer. Em lugar de estar completamente empenhado na campanha, o CNR, a grande ferramenta do *establishment* republicano, procurava antecipadamente minimizar as perdas, a partir do momento em que Trump conquistara a nomeação do partido no início do verão. Quando Trump mais precisava de um empurrão, não havia ninguém para o impulsionar.

Essa foi a primeira parte do raciocínio de Conway. A outra foi que, apesar de tudo, a campanha conseguira erguer-se penosamente do abismo. Uma equipa que padecia de uma grave falta de recursos, com, em termos práticos, o pior candidato da história política moderna – sempre que o nome de Trump era mencionado, Conway fazia a pantomina de revirar os olhos, ou simplesmente exibia um olhar mortiço – corraera afinal extraordinariamente bem. Conway, que nunca participara numa campanha nacional e que, antes de Trump, dirigia uma pequena e insignificante firma de sondagens, tinha a perfeita noção de que seria no pós-campanha uma das principais vozes conservadoras nos canais de notícias por cabo.

Na verdade, um dos especialistas em sondagens de Trump, John McLaughlin, começara a sugerir, ao longo da última semana, que alguns estados fundamentais, até aí dados como perdidos, poderiam na verdade estar a mudar em favor de Trump. Mas nem Conway nem o próprio Trump, nem tão-pouco o seu genro, Jared Kushner – o verdadeiro diretor de campanha, ou, pelo menos, o encarregado pela família da respetiva monitorização –, vacilavam nesta certeza: aquela aventura inesperada em breve chegaria ao fim.

Apenas Steve Bannon, com a sua visão desalinhada, insistia em que os números se alterariam em favor de Trump. Mas o simples facto de ser esta a opinião de Bannon – de *crazy Steve* – era tudo menos tranquilizadora.

Quase todos os elementos da campanha, um grupo ainda muito reduzido, se consideravam uma equipa lúcida, perfeitamente realista acerca das suas hipóteses de vitória. O acordo tácito de todos era que não só Donald Trump *não* seria presidente, como provavelmente não deveria sê-lo. De forma muito conveniente, a primeira convicção significava que ninguém tinha de lidar com a segunda.

À medida que a campanha chegava ao fim, o próprio Trump sentia-se animado. Sobrevivera à divulgação da gravação Billy Bush, momento em que, no bruaá que se seguira, o CNR tivera o desplante de o pressionar a abandonar a corrida. O diretor do FBI, James Comey, depois de ter estranhamente colocado Hillary em lume brando ao afirmar que iria reabrir a investigação dos seus emails onze dias antes da eleição, ajudara a evitar uma vitória esmagadora de Clinton.

– Eu, se quiser, sou o homem mais teimoso do mundo – dissera Trump ao seu assistente intermitente, Sam Nunberg, no início da campanha.

– Mas quer ser presidente? – perguntara Nunberg (questão qualitativamente distinta do habitual teste existencial ao candidato: «Porque é que quer ser presidente?») Não obteve resposta.

A questão era que não tinha de haver resposta, visto que ele não ia ser presidente.

Roger Ailes, amigo de longa data de Trump, gostava de comentar que, para se entrar numa carreira na televisão, primeiro deve-se concorrer a presidente. Agora, Trump, encorajado por Ailes, deixava pairar rumores acerca de uma estação de televisão Trump. O futuro era grandioso.

Sairia desta campanha, assegurou Trump a Ailes, senhor de uma marca muito mais poderosa, e oportunidades inimagináveis. «Isto é maior do que alguma vez sonhei», disse-lhe em conversa uma semana antes das eleições. «Não penso em perder porque não se trata de perder. Vencemos em todas as frentes.» E mais do que isso, já tinha preparado a sua resposta pública para a derrota nas eleições: *Fomos roubados!*

Donald Trump e o seu pequeno grupo de guerreiros de campanha estavam preparados para perder com fogo e fúria. O que não estavam era preparados para ganhar.

* * *

Na política, alguém tem de perder, mas, invariavelmente, toda a gente acha que pode ganhar. E até é provável que seja impossível vencer a não ser que se ache que se vencerá – exceto na campanha Trump.

O *leitmotif* para Trump relativamente à sua campanha era a sua mediocridade, conduzida por falhados. Estava igualmente convencido de que os

apoiantes de Clinton eram brilhantes vencedores – «Eles têm o melhor e nós temos o pior», dizia frequentemente. O tempo despendido junto de Trump no avião de campanha constituía amiúde uma experiência epicamente insultuosa: todos os que o rodeavam eram idiotas.

Corey Lewandowski, que desempenhara funções semioficiais como primeiro diretor de campanha de Trump, era frequentemente censurado pelo candidato. Meses a fio, Trump chamara-lhe «o pior de todos» até finalmente o despedir em junho de 2016. A partir daí, porém, passou a declarar constantemente a sua campanha condenada, devido à ausência de Lewandowski. «Somos todos uns falhados», dizia ele então. «Os nossos são terríveis, ninguém sabe o que está a fazer... Quem me dera que o Corey voltasse.» E rapidamente projetou igualmente o seu azedume sobre o seu segundo diretor de campanha, Paul Manafort.

Em agosto, seguindo atrás de Clinton por uma diferença de 12 a 17 pontos e confrontado com bombardeamentos diários de uma imprensa hostil, Trump era incapaz de conceber sequer um cenário longínquo de vitória eleitoral. Nesse momento sombrio, Trump, a um nível absolutamente essencial, vendeu a sua campanha perdedora. O bilionário de extrema-direita Bob Mercer, apoiante de Ted Cruz, mudara o seu apoio para Trump, com uma infusão financeira de 5 milhões de dólares. Convencido de que a campanha se estava a afundar, Mercer e a filha Rebekah voaram de helicóptero da sua propriedade de Long Island para uma sessão de angariação de fundos previamente agendada – enquanto outros potenciais doadores abandonavam o barco segundo após segundo – na residência de verão nos Hamptons de Woody Johnson, proprietário dos New York Jets e herdeiro da Johnson & Johnson.

Trump não tinha qualquer relação digna do nome nem com o pai nem com a filha. Limitara-se a algumas conversas com Bob Mercer, que se exprimia essencialmente por monossílabos; quanto a Rebekah Mercer, todo o historial da sua relação com Trump se resumia a uma *selfie* tirada com ele na Trump Tower. Mas quando os Mercers apresentaram o seu plano para assumirem o controlo da campanha e instalarem nos principais cargos os seus tenentes, Steve Bannon e Kellyanne Conway, Trump não ofereceu resistência. Limitou-se a expressar o seu espanto por alguém querer sequer fazê-lo. «Isto está tudo completamente lixado», disse ele aos Mercers.

Segundo todos os indicadores dignos de crédito, algo de mais avassalador que o simples pessimismo ensombrou aquilo que Steve Bannon designava «a campanha dos *broke-dicks*», campanha dos inúteis – uma noção de impossibilidade estrutural.

O candidato que se apresentava a si próprio como multimilionário – vezes sem conta – recusava-se sequer a investir o seu próprio dinheiro na campanha. Bannon comunicou a Jared Kushner – o qual, quando Bannon entrou na campanha, estava de férias na Croácia com a mulher, na companhia de David Geffen, inimigo de Trump – que, após o primeiro debate de setembro, necessitariam de 50 milhões de dólares suplementares para cobrir as despesas até ao dia das eleições.

– Só lhe conseguiríamos angariar 50 milhões se pudessemos garantir que ele ganhava – respondeu Kushner sem deixar margem para dúvidas.

– E 25 milhões? – insistiu Bannon.

– Só se conseguirmos dizer que a vitória é mais do que provável.

Por fim, o melhor que Trump fez foi emprestar à campanha 10 milhões de dólares, na condição de os reaver assim que outras verbas pudessem ser angariadas. (Steve Mnuchin, então diretor financeiro, foi recolher o empréstimo com as instruções de transferência já prontas, não fosse Trump esquecer-se convenientemente de enviar o dinheiro.)

Não havia, na verdade, uma campanha real, visto não existir uma organização real – quando muito, uma organização singularmente disfuncional. Roger Stone, de início o verdadeiro diretor de campanha, despediu-se ou foi despedido por Trump – afirmando cada um dos dois ter batido com a porta ao outro. Sam Nunberg, um assistente de Trump que trabalhara para Stone, foi ruidosamente afastado por Lewandowski, após o que Trump aumentou exponencialmente a lavagem da roupa suja em público ao processar Nunberg. Lewandowski e Hope Hicks, a assistente de relações públicas adicionada à campanha por Ivanka Trump, tiveram um caso amoroso que acabou em briga pública em plena rua – um incidente citado por Nunberg na sua resposta ao processo movido por Trump. A campanha, manifestamente, não estava destinada a ganhar fosse o que fosse.

Mesmo depois de Trump eliminar os outros dezasseis candidatos republicanos, por mais implausível que isso pudesse ter parecido, o objetivo último de conquistar a presidência não parecia menos inconcebível.

Se, por outro lado, ao longo do outono, a vitória parecera ligeiramente mais plausível, essa hipótese esfumou-se com o caso Billy Bush. «Sinto-me automaticamente atraído pelo belo – desato logo a beijá-las», disse Trump ao apresentador da NBC Billy Bush de microfone aberto, em pleno debate nacional sobre assédio sexual. «É como um íman. Beijo logo. Nem sequer espero. E quando se é uma estrela, elas deixam. Posso fazer o que eu quiser... Agarrá-las pela *****. Posso fazer o que eu quiser.»

Era um desenvolvimento operático. Tão constrangedor que, quando Reince Priebus, o presidente do CNR, foi chamado de Washington a Nova Iorque para uma reunião de emergência na Trump Tower, não conseguia levar-se a sair de Penn Station. Foram precisas duas horas para a equipa de Trump o convencer a atravessar a cidade.

– Mano – disse Bannon, desesperado, tentando persuadir Priebus ao telefone –, posso nunca mais o ver depois deste dia, mas tem de vir a este edifício e tem de entrar pela porta da frente.

* * *

O aspeto positivo da ignomínia por que teve de passar Melania Trump após a divulgação da gravação Billy Bush era que a eleição do marido se tornara agora verdadeiramente impossível.

O casamento de Donald Trump suscitava perplexidade junto de quase todos os que o rodeavam – ou, pelo menos, dos que não possuíam jatos privados e múltiplas residências. Ele e Melania pouco tempo passavam juntos. Decorriam dias e dias sem qualquer contacto entre ambos, mesmo quando se encontravam os dois na Trump Tower. Era frequente ela não saber onde ele se encontrava, sem se preocupar especialmente com o facto. O marido deslocava-se entre residências como poderia deslocar-se entre divisões da casa. E para além de pouco saber acerca do paradeiro do marido, pouco sabia também sobre os seus negócios, que não lhe suscitavam senão interesse moderado. Pai ausente para os seus primeiros quatro filhos, Trump foi ainda mais ausente para o quinto, Barron, que teve com Melania. Agora no terceiro casamento, confidenciava aos amigos que aperfeiçoara finalmente a arte: viver e deixar viver – «Faz o que te apetece.»

Era um famoso mulherengo e, ao longo da campanha, tornou-se possivelmente o assediador mais famoso do mundo. Se ninguém se lembraria

de acusar Trump de sensibilidade relativamente a mulheres, tinha, no entanto, muitas ideias sobre como conviver com elas, incluindo uma teoria que discutia com os amigos, segundo a qual, quanto maior a diferença de idades entre um homem mais velho e uma mulher mais nova, quanto mais nova esta fosse menos levava a peito as traições.

Ainda assim, a ideia de que este casamento fosse meramente de fachada estava longe de ser verdadeira. Falava frequentemente de Melania quando esta não se encontrava presente. Admirava-lhe a beleza – muitas vezes, de forma constrangedora para ela, na presença de outros. Ela era para ele, proclamava com orgulho e sem ponta de ironia, uma «mulher-troféu». E embora pudesse não ter exatamente partilhado a vida com ela, partilhava de bom grado os despojos. «Uma mulher feliz é uma vida feliz» – dizia, fazendo-se de eco de um popular truísmo de ricos.

Procurava igualmente obter a aprovação de Melania. (Procurava, na verdade, a aprovação de todas as mulheres que o rodeavam, que tinham a sensatez de lha conceder.) Em 2014, quando começou a ponderar seriamente a candidatura, Melania foi uma das poucas que julgou possível uma vitória. Esse facto proporcionou uma *punch line* à filha de Trump, Ivanka, que se distanciara cuidadosamente da campanha. Sem esconder o desagrado que a madrastra lhe suscitava, Ivanka costumava dizer aos amigos: «A única coisa que é preciso saber acerca da Melania é que acha que se ele concorrer de certeza que ganha.»

Mas a ideia de o marido se tornar realmente presidente era, para Melania, assustadora. Estava convencida de que isso destruiria a sua vida cuidadosamente protegida – protegida, para começar, da família Trump alargada – quase exclusivamente concentrada no seu filho pequeno.

Não ponhas o carro à frente dos bois, dizia-lhe o marido, divertido, apesar de passar dia após dia na estrada, em campanha, determinando as manchetes dos noticiários. Mas o horror e o tormento dela só aumentavam.

Teve início uma campanha de rumores acerca dela, simultaneamente cruel e cómica nas suas insinuações. Teve início em Manhattan, e os amigos falaram-lhe nela. A sua carreira como modelo foi sujeita a intenso escrutínio. Na Eslovénia, onde crescera, uma revista de celebridades, *Susy*, passou ao prelo os rumores sobre ela, após a nomeação de Trump. De seguida, num sinal repugnante do que aí viria, o *Daily Mail* espalhou a história, alto e bom som, pelo mundo fora.

O *New York Post* deitou as mãos a excertos de uma sessão fotográfica a nu de Melania no início da sua carreira de modelo – uma fuga que todos, menos Melania, presumiram poder ser atribuída ao próprio Trump.

Inconsolável, ela confrontou o marido. «É isto que nos espera?» E disse-lhe que não suportaria tal futuro.

Trump respondeu à sua maneira – «Vamos processá-los!» – e entregou-a aos advogados. Mas foi também inesperadamente contrito. Aguenta só um pouco mais, disse-lhe. Estaria tudo terminado em novembro. E deu à mulher uma garantia solene: era simplesmente impossível ele ganhar. E mesmo para um marido cronicamente infiel – ele diria talvez incontornavelmente infiel –, esta era uma promessa à mulher que parecia conseguir cumprir.

* * *

A campanha de Trump reproduzira, de forma talvez não totalmente inadvertida, o enredo de *Os Produtores*, de Mel Brooks. Nesse clássico, os heróis broncos e vigaristas de Brooks, Max Bialystock e Leo Bloom, vendem mais de 100 por cento da participação do espetáculo da Broadway que estão a produzir. Uma vez que só serão desmascarados caso o espetáculo seja um sucesso, tudo nesse espetáculo é concebido com o objetivo de resultar em total fracasso. Com esse intuito, criam um espetáculo tão surreal que acaba por ter mesmo sucesso, assim tramando os nossos heróis.

Os candidatos presidenciais vencedores – levados pela arrogância, o narcisismo, uma noção sobrenatural de destino – passam, com toda a probabilidade, uma parte substancial das suas carreiras, quando não a totalidade das suas vidas desde a adolescência, a preparar-se para o papel. Sobem os degraus dos cargos eleitos. Aperfeiçoam uma aparência pública. Estabelecem freneticamente redes de contactos, sabendo, como sabem, que o sucesso na política tem tudo a ver com quem são os nossos aliados. Fazem o trabalho de casa. (Mesmo no caso do desinteressado George W. Bush, contou com os amigos do pai para os fazerem por ele.) E apagam o seu rasto – ou, pelo menos, dão-se a grandes trabalhos para o encobrir. Preparam-se para vencer e governar.

Os cálculos de Trump, bastante conscientes, eram de outra ordem. O candidato e os seus braços-direitos acreditavam poder obter todos os

benefícios de ele *quase* se tornar presidente sem terem de mudar uma linha que fosse no seu comportamento ou na sua visão essencial do mundo: não temos de ser coisa nenhuma que não quem e o que somos, porque já se sabe que não ganharemos.

Muitos candidatos a presidente apresentaram como virtude o facto de serem *outsiders* em relação a Washington; na prática, esta estratégia limita-se a favorecer governadores em relação a senadores. Qualquer candidato digno do nome, por mais que verbera e despreze Washington, conta com o aconselhamento e apoio dos *insiders* de Beltway. No caso de Trump, pelo contrário, quase ninguém do seu círculo mais chegado havia trabalhado em política a nível nacional – sendo que os seus mais próximos conselheiros não tinham de todo trabalhado em política. Ao longo de toda a sua vida, Trump teve muito poucos amigos de qualquer tipo, mas, ao iniciar a sua campanha para presidente, quase não tinha amigos na política. Os dois únicos verdadeiros políticos com quem Trump tinha proximidade eram Rudy Giuliani e Chris Christie, ambos, à sua maneira, peculiares e isolados. E afirmar que ele não sabia nada – absolutamente nada – acerca das fundações intelectuais básicas do lugar era um cómico eufemismo. No início da campanha, numa cena digna d’*Os Produtores*, Sam Nunberg foi enviado a Trump para lhe explicar a Constituição: «Conseguí chegar à Quarta Emenda antes de ele começar a puxar o lábio para baixo com o dedo e a revirar os olhos.»

Quase todos os elementos da equipa de Trump traziam consigo o tipo de conflitos espalhafatosos capazes de causar danos a um presidente ou ao seu governo. Mike Flynn, o futuro Conselheiro de Segurança Nacional de Trump, que fora guindado ao papel de fazer a abertura dos comícios de campanha, e que Trump adorava ouvir queixar-se da CIA e da inépcia dos espões americanos, fora desaconselhado pelos amigos a aceitar 45 000 dólares dos russos como pagamento de um discurso «Bom, só seria um problema se ganhássemos» – tranquilizou-os ele, sabendo que tal não constituiria, portanto, um problema.

Paul Manafort, o lobista internacional e operacional político que Trump conservara para lhe dirigir a campanha após o despedimento de Lewandowski – e concordara em não ser remunerado, com isso ampliando a questão das contrapartidas – passara trinta anos a representar ditadores e déspotas corruptos, amealhando milhões de dólares e deixando um rasto

de dinheiro que há muito chamara a atenção dos investigadores dos EUA. A acrescentar a isto, quando se juntara à campanha, era perseguido, e todos os seus passos financeiros documentados, pelo multimilionário oligarca russo Oleg Deripaska, que afirmava que ele lhe roubara 17 milhões num esquema de vigarice imobiliária, e jurava uma vingança sangrenta.

Por razões bastante óbvias, nenhum presidente antes de Trump e poucos políticos alguma vez vieram do negócio imobiliário: um mercado pouco regulado, baseado em dívida substancial, com exposição a frequentes oscilações de mercado, depende frequentemente dos favores do governo, e constitui uma moeda de troca muito apreciada para dinheiros problemáticos – isto é, lavagem de dinheiro. O genro de Trump, Jared Kushner, o pai deste, Charlie, os filhos de Trump Don Jr. e Eric, a filha Ivanka, e mesmo o próprio Trump, todos basearam os seus negócios, em maior ou menor grau, no limbo duvidoso do *cash flow* internacional não limitado e no dinheiro «cinzento». Charlie Kushner, a cujo negócio imobiliário o genro de Trump, e seu importante assistente, estava completamente ligado, já cumprira pena numa prisão federal por evasão fiscal, manipulação de testemunhas e donativos de campanha ilegais.

Os políticos modernos e respetivas equipas realizam sobre si próprios as investigações mais consequentes a que habitualmente sujeitam os seus opositores. Caso a equipa de Trump tivesse analisado melhor o seu próprio candidato, teriam, com toda a razoabilidade, concluído que um aumento do escrutínio ético poderia facilmente comprometê-los. Mas Trump, ostensivamente, não envidou qualquer esforço nesse sentido. Roger Stone, há muito conselheiro político de Trump, explicou a Steve Bannon que a constituição psíquica de Trump lhe impossibilitava lançar um tal olhar sobre si próprio. Nem sequer conseguiria tolerar que outrem pudesse saber muito sobre ele – e com isso obter vantagem. E, em todo o caso, porquê lançar um olhar tão próximo e potencialmente ameaçador, dada a escassa probabilidade de vitória?

Trump não só minimizava os potenciais conflitos dos seu negócios e empresas imobiliárias, como recusava descaradamente divulgar a sua declaração de rendimentos. Porque haveria de o fazer, se, de qualquer forma, não iria ganhar?

Acresce que Trump recusou dedicar o mínimo tempo a ponderar, ainda que de forma hipotética, questões relacionadas com a transição,

afirmando que «dava azar» – mas querendo com isso dizer, na verdade, que se tratava de um desperdício de tempo. Nem consideraria, ainda que remotamente, a questão das suas empresas e conflitos de interesses.

Ele não ia ganhar! Ou perder era ganhar. Trump seria o homem mais famoso do mundo – um mártir às mãos da patife da Hillary Clinton.

A sua filha Ivanka e o seu genro Jared ter-se-iam transformado de miúdos ricos relativamente obscuros em celebridades internacionais e embaixadores de marca.

Steve Bannon tornar-se-ia o verdadeiro chefe do movimento Tea Party.

Kellyanne Conway seria uma estrela das estações de televisão por cabo.

Reince Priebus e Katie Walsh conseguiriam recuperar o seu Partido Republicano.

Melania Trump poderia regressar aos seus almoços discretos.

Era esse resultado despreocupado que esperavam a 8 de novembro de 2016. A derrota seria boa para todos.

Pouco depois das oito horas dessa noite, quando a tendência inesperada – Trump poderia mesmo vencer – pareceu confirmada, Don Jr. disse a um amigo que o seu pai, ou DJT, como lhe chamava, parecia ter visto um fantasma. Melania, a quem Donald Trump dera a sua garantia solene, desfazia-se em lágrimas – e não eram de alegria.

Ali estava, no espaço de pouco mais de uma hora, observou Steve Bannon, não sem algum divertimento, um Trump atordoado a transformar-se num Trump incrédulo, e depois num Trump horrorizado. Mas faltava ainda a transformação final: subitamente, Donald Trump transformava-se num homem que acreditava merecer ser, e totalmente capaz de ser, o presidente dos Estados Unidos.